

Retorno ao útero em fragmentos (Mãe)

I

Cheguei a casa como chego sempre depois de um dia de trabalho intenso, empurrado pelas forças vivas da rotina, arrastado pelo hábito, nos braços suaves, mas seguros, da constância desse pequeno mundo repetidamente percorrido entre a casa e o trabalho, o trabalho e a casa. Abri a porta da sala, a nossa modesta e dessacralizada capela, e, de alguma maneira, mãe, sacudiste-me os sentidos com o teu sorriso luminoso, abalaste-me. Não sei como após tantos anos da mais profunda e enigmática cumplicidade, ainda me consegues surpreender, tocar. Conheço-te de uma forma estranha, complexa, inexprimível, como uma força e um desígnio que nunca conseguirei compreender. Os teus olhos brilhavam de ternura quando irrompi, sem surpresas, pela porta do nosso ninho familiar - tu serenamente aguardavas a minha chegada, como se eu estivesse prestes a chegar pela primeira vez. E, de súbito, transcendeste a ti própria por meio dessa viva imagem que guardo de ti. O rosto subitamente jovem e pleno de brandas certezas, os cabelos resplandecentes, arrebatados e ardentes.

Creio que não pensavas em nada, nem sequer em mim, na minha fadiga, na minha impotência. Mas afinal não precisavas de me desejar amar para me amares de facto, sem filtros nem intenções, segundas ou primeiras. Amor incondicional é isto. Um amor que não precisa, nem de se cultivar, nem de se preservar, nem de perseguir, nem de agrilhoar. De alguma maneira especial somos figuras suspensas de todas as formas sociais de fidelidade e de partilha do tempo e do espaço, de comunidade. Sei que levo um pedaço substancial de ti quando me ausento, ainda que por longos períodos: carne da minha carne.

II

Findo o nono ano, a diretora de turma de então convocou-nos aos dois. A mim e a ti minha mãe. Como era habitual quando recebia em casa uma carta da escola, expedida pela respetiva diretora para estarmos presentes em tal data e em tal hora, passei os restantes dias um pouco ansioso e amedrontado, em não desejada e até penosa expectativa. Havia a temerosa questão das notas da escola, da minha irrefletida e cândida insolência que se tornava abruptamente problemática quando chegava às

tuas mãos, minha mãe, à formulação do teu juízo despótico, ao teu olhar severo, à tua voz grave e firme. Mas o tema principal da conversa naquele dia não eram as notas – as suficientes para eu poder transitar -, nem a minha irrequietude irreprimível, primária, adolescente. A diretora tinha-nos chamado para uma decisão aparentemente crucial na derrapante lógica dos adultos: para onde eu seguiria depois do 3º ciclo? Qual o meu futuro no respeitante à escola - abandonar ou continuar?

Naquela altura eu ainda não percebia muito bem o sentido de estudar, de aprender mais do que aquilo que era o básico – fazer as contas das dívidas na mercearia, somar por a mais b, saber ler o português e escrever o quanto baste - mas a minha mãe, desde logo, desde sempre, fez-me perceber que desistir não era sequer opção. Intuição que hoje não me surpreende de todo. As mães nunca precisaram de muitas justificações para perceberem o que é melhor para os seus filhos...

Mas quando a diretora confrontou a minha mãe com a escolha do curso e da escola onde ingressar – ignorando-me com toda a desenvoltura e naturalidade -, a minha mãe, numa reviravolta inesperada, devolveu-me a pergunta. E depois concluiu com convicção: “tu é que sabes o que é melhor para ti!”. Desde esse dia sempre me impressionou o modo como as mães são capazes de desafiar as normas tácitas estabelecidas em nome do bem maior dos filhos. Nesse instante, senti-me realmente grande e importante, que as minhas razões e escolhas também contavam. Por meio deste pequeno, mas decisivo episódio, assim me iniciaste nos primeiros passos na conquista do valor básico da maioria: a autonomia. Mais do que o carácter arbitrário da liberdade de escolha - que é sempre circunscrito e contextual -, o valor supremo da autonomia, que é condição essencial para a formação da personalidade.

III

Lembro-me das longas viagens de carro pelas estradas do interior do nosso pequeno e suave país e para além deste. Sentado no banco de trás contemplava o contínuo deslize da paisagem à nossa passagem. As árvores atiradas para trás, os campos floridos de malmequeres, uma ou outra planície de altos e vigorosos girassóis, as pesadas vacas e os robustos cavalos devorados pela vertigem da transitoriedade do presente à velocidade de um cruzeiro. A mãe conversava ao volante mas eu nunca tirava o nariz do vidro, estampado contra a superfície fria e lisa. Sempre me apaixonei por essa sensação de estar a ser arrastado por um bonito anjo: tu, minha mãe. Eu sabia que nunca me levarias para sítios onde me fariam mal, e que, se por ventura alguma coisa nos corresse menos bem, tu, de alguma maneira singular, sempre arranjarias forma de concertares as coisas.

Numa dessas noites de viagem dormimos num hotel em quartos separados. No meu quarto tinha uma televisão só para mim com mais de mil canais – lembro-me que passei uma hora em *zapping*. A cama era confortável e o quarto tinha um chuveiro com aqueles sabonetes bem cheirosos e as toalhas impecavelmente brancas. Sei que havia também um pequeno minibar e que me entretive a comer o que aí se encontrava. Adorei aquela noite e aquela experiência ao ponto de desejar que toda a minha vida fosse assim. Naquelas condições burguesas com comida de borla, um minibar gratuito sempre à minha disposição e uma televisão gigante de mil canais, um colchão super-aconchegante e um silêncio espectral. Podia quase adivinhar ao longe o canto dos grilos.

Já no regresso a casa relatei alegremente a minha mãe a minha extravagante noite. Lembro-me que ela me admoestou vagamente o facto de eu me ter servido livremente do minibar, porque afinal se devia ter declarado o que deste foi consumido para ser devidamente pago... Mas entretanto já tínhamos passado a fronteira, o sonho tinha ficado lá atrás...

IV

A beleza e a elegância valem mais do que o empreendedorismo e a inteligência. Não fomos feitos para grandes eventos, para acumularmos propriedade, para ascendermos no “elevador social”, para sermos “alguém na vida”... Em vez de nos inebriarmos no mito social do trabalho-recompensa quando trabalhar raramente recompensa, resolvemos levar a vida aos poucos, ajeitando-a com a barriga, rangendo os dentes às dificuldades. Foste tu mãe que me legaste o segredo de conduzir a existência com delicadeza e consciência de risco, de preencher o vazio de excêntricos gestos arrastados escandalosamente incoerentes. E tu é que estiveste sempre certa, saber falar (isto é, saber mentir, saber pintar as palavras de uma certa maneira), saber estar (saber quais as ocasiões em que nos devemos conter ou, pelo contrário, expandir; mostrar ou esconder) e saber escrever (isto é, fazer compreender-se como dono de uma certa visão do mundo, de uma certa visão sobre a verdade), importa mais do que a agilidade de raciocínio, a coragem de deixar qualquer coisa de boa ao mundo. Sempre seremos plebeus com laivos de uma aristocracia de espírito, em certa medida, moral. Incoerente e perturbante como não podia deixar de o ser, de uma lógica socialmente suicidária, como não podia deixar de o ser.